



Isadora Raquel Petry¹

Resenha: Bruno Martins Machado. *Nietzsche e Rée: psicólogos e espíritos livres*. Campinas: Editora Phi, 2016.

“*Nietzsche e Rée: psicólogos e espíritos livres*”, livro publicado em 2016 pela Editora Phi, é fruto de uma longa e dedicada pesquisa do psicólogo e professor da Universidade Federal de Sergipe (UFS), Bruno Martins Machado. O livro de Machado, resultado de sua tese de doutorado defendida na UNICAMP e dos anos de intensa pesquisa que a ela se seguiram, tem sua importância não apenas na medida em que reconstrói a genealogia de um dos livros de Nietzsche menos comentados até hoje, a saber, *Humano, demasiado Humano* (1878), mas também, como afirma Oswaldo Giacoia Junior em seu prefácio ao livro, por ser “uma das poucas – aliás, muito raras – contribuições para a reconstituição das relações propriamente filosóficas entre Paul Rée e Friedrich Nietzsche”.²

O livro conta com três capítulos, uma apresentação escrita pelo próprio autor, considerações finais e um prefácio. Logo na apresentação, percebe-se a seriedade do trabalho realizado por Machado, pois a fim de ocupar-se da noção de psicologia presente na filosofia nietzscheana, ele estabelece um atento debate com sólidas pesquisas acerca do pensamento de Nietzsche. Neste sentido, destaca a importância do livro de Walter Kaufman e de Peter Heller para as análises da sua perspectiva. Kaufman, de um lado, contribui para o desenvolvimento de um percurso genealógico no interior da noção de ‘psicologia’ no projeto filosófico nietzscheano, visando, assim, defender e justificar a “emergência e a importância”³ de tal noção. De outro lado, Machado enfatiza a contribuição de Peter Heller para sua leitura interpretativa de Nietzsche, que se torna cada vez mais evidente à medida que avançamos na leitura do livro.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Filosofia da UNICAMP (FAPESP). E-mail para contato: isadorapetry@gmail.com .

² MACHADO, Bruno Martins. *op.cit.*, p. 25.

³ Idem, p. 17.

Evidencia-se o cuidado filológico empregado por Machado: “Diante de uma filosofia tão singular, que explora a linguagem e constrói experimentos com o pensamento, é possível não se questionar sobre a melhor maneira a tratar um conceito ou tema? Como interpretar as aparentes contradições? Como alinhar os termos que se estruturam em um aforismo? [...] Há uma fórmula própria à interpretação aforismática?”.⁴ Estas são apenas algumas das questões colocadas por Machado acerca do método que deve ser empregado para *ler* Nietzsche, e desde o início, revela-nos assim a cuidadosa e paciente leitura que ele realiza de *Humano*.

Machado não ocupa-se apenas da tarefa de mostrar a pertinência da noção de psicologia no interior da filosofia nietzscheana, mas também em conduzir ao leitor e à leitora a um modo interpretativo apropriado e específico de leitura dos textos de Nietzsche. O método de análise empregado por Machado se aproxima daquilo que ele mesmo trata de explicar e defender: o trabalho do geólogo; pois reconstruindo cada passo da gênese da noção de psicologia no interior do livro de 1878, acaba por lapidar a sua pertinência para todo o conjunto do projeto filosófico nietzscheano.

Assim, a noção de ‘psicologia’ seria a ‘pedra de toque’ que se encontra no seio do livro de Machado. Ele não se exime dos conflitos, mas pelo contrário, como o próprio autor afirma, sua “proposta de leitura se deslocou pelos conflitos no próprio texto de Nietzsche, notadamente, o primeiro aforismo de *Humano*”.⁵

Munido das ferramentas filológicas necessárias para se interpretar os textos de Nietzsche, no primeiro capítulo, intitulado “Monumento de uma Crise”, Machado reconstrói ao leitor o fio de pensamento do jovem Nietzsche, tendo como ponto de partida o seu primeiro contato com o músico Richard Wagner. Neste capítulo, percebe-se que o tratamento conferido à *Humano* não diz respeito a situa-lo meramente como um livro que indica uma ruptura no pensamento de Nietzsche, isto é, apenas como o produto, o resultado do afastamento do filósofo em relação a Wagner, como muitas vezes é visto por alguns intérpretes e biógrafos de Nietzsche. Mais do que isso, Machado defende a tese de que o livro de 1878 não surge de forma “repentina”, mas sim, pontua tratar-se de um percurso que já se construía antes ainda do primeiro livro publicado por Nietzsche, *O nascimento da tragédia* (1872), pois como é possível constatar a partir do minucioso estudo que Machado realiza dos *Nachlass*, já na época em que Nietzsche era apenas um estudante na Universidade de Leipzig, se interessava pelo estudo das ciências naturais. Assim, Machado mostra, na teoria e na prática, que uma rigorosa pesquisa no interior da ‘filosofia histórica’ de Nietzsche só pode ser feita a partir do momento em que lemos filologicamente a obra publicada em

⁴ Idem, p. 18.

⁵ Idem, p. 19.

consonância com os fragmentos. Assim, o autor sustenta que as ideias defendidas no livro de 1878 foram lentamente ganhando consistência, até ‘fundamentar uma virada intelectual’ que em *Humano* se opera como um radical afastamento da tradição metafísica, sobretudo da metafísica de artista que se encontrava na base do livro de juventude.

Nesta perspectiva, o autor se apoia em pesquisas como a de Colli, que defendem que *Humano* não deve ser visto como “reação, favorecida pela falha da amizade, a uma visão do mundo fortemente influenciada por Wagner, mas como posição conquistada através do amadurecimento dos pensamentos que a ligação com Wagner, mesmo tendo-os primeiramente provocado, ou pelo menos enriquecido, havia todavia, no fim, dificultado”.⁶ Em nenhum momento, Machado abstém-se de considerar a importância do contato com Wagner no percurso do pensamento de Nietzsche, mas de modo muito desperto, não restringe “a virada filosófica nietzscheana a mudanças provocadas por relações pessoais”,⁷ e é nesta direção que o autor discute a presença e a importância de Paul Rée na filosofia de Nietzsche.

Machado alerta-nos para o fato de que alguns estudiosos defendem que “o que Nietzsche extraiu de Rée não passou de momentos agradáveis e leves reflexões que serviram como entretenimento e suporte emocional. Assim, o núcleo fundamental de *Humano* é posto de lado, tangenciado por parte dos comentadores”.⁸ Mas em seu livro, fica claro para todo leitor e leitora atentos, que a importância em compreender as relações entre Nietzsche e Rée vai muito além de uma mera curiosidade biográfica, pois “Rée foi fundamental para que Nietzsche adentrasse definitivamente no plano da observação dos sentimentos morais e alcançasse tal mudança também através do estilo de escrita em aforismos”.⁹ O autor defende assim a ideia de que “a filosofia de Nietzsche só pode ser vislumbrada em sua profundidade caso se considere a psicologia como o instrumento mais apropriado para analisar as coisas humanas”, e este percurso, no qual as observações psicológicas extraem “das considerações morais [seus] parâmetros para assim analisar as ações do homem”,¹⁰ Nietzsche deve ao pensamento de Paul Rée.

Ainda no primeiro capítulo, o autor chama a atenção para a importância que certos pensadores franceses (entre estes, destacam-se Descartes Voltaire) adquirem na filosofia de Nietzsche a partir de *Humano*, ajudando a moldar sua crítica ao pensamento romântico-metafísico. Neste sentido, cabe ressaltar o percurso de

⁶ COLLI *apud* MACHADO, *op.cit.*, p.42.

⁷ MACHADO, *op.cit.*, p. 42

⁸ *Idem*, p. 176.

⁹ *Idem*, p. 177.

¹⁰ *Idem*, p. 178.

Nietzsche trazido por Machado, pois a partir do livro de 1878, toda a França ganhará uma conotação especial em sua filosofia, e que crescerá potencialmente ao longo dos anos; sobretudo a partir de 1883, quando Nietzsche passa o inverno, pela primeira vez, na cidade de Nice, e tem contato com uma série de poetas, escritores e artistas que se auto-intitulavam ‘*décadents*’, marcando sua contraposição àqueles que pertenciam ao Romantismo. Mas ainda na época de *Humano*, é sobretudo nos Iluministas, principalmente em Voltaire – que, por sinal, Wagner repudiava, afirmando ser o maior representante da França enquanto “bordel do mundo”¹¹ –, que Nietzsche enxergará uma imagem do “combate à metafísica” e da “defesa da liberdade de pensamento frente à opressão da cultura”.¹²

Se já no primeiro capítulo, nos damos conta da seriedade da tarefa empreendida por Machado, na segunda parte do livro (II, A pergunta sobre a origem), sua tese adquire corpo e forma, pois a fim de reconstruir o solo da noção de psicologia no pensamento de Nietzsche, percurso já realizado no primeiro capítulo, fornece ao leitor uma lente de aumento para os próprios textos lidos pelo filósofo, e que contribuíram, de diferentes formas, para o seu afastamento da tradição metafísica e o desenvolvimento da noção de psicologia em sua filosofia. De modo a assumir a “postura de alguém que queria se expressar como filósofo”,¹³ Machado mostra como em *Humano*, Nietzsche se debruça, de modo estratégico, sobre temas discutidos ao longo da história da filosofia ocidental, como por exemplo, a pergunta pela origem e a existência de opostos, discutidos sobretudo no aforismo 1 do livro.

Segundo Machado, a estratégia de Nietzsche, na qual ele se coloca, munido da sua ‘filosofia histórica’, no interior do debate com a tradição metafísica, revela sua intenção de afirmar-se, já distante da neblina metafísica que envolvia o horizonte wagneriano, *enquanto* filósofo. Uma tal intenção, que denunciava a independência de sua nova estratégia filosófica, o próprio Nietzsche declarara em carta enviada a Wagner e sua esposa, Cosima, quando relatou ser *Humano, demasiado Humano*, “obra sua”,¹⁴ isto é, fruto de um longo e atento percurso sobre seus próprios pensamentos.

Mas a esta independência de seu pensamento, Machado nos mostra, no segundo capítulo, como ela deve a sua construção a partir de um intenso debate com toda a tradição metafísica desde Platão, passando por Aristóteles, Kant, Hegel, Schopenhauer, entre outros, e também como o debate com certos historiadores, como

¹¹ CAMPIONI, Giuliano. *Les lectures françaises de Nietzsche*. Paris: PUF, 2001, p. 109.

¹² MACHADO, *op.cit.*, p. 49.

¹³ *Idem*, p. 77.

¹⁴ “O livro é meu: eu trouxe à luz minhas mais internas sensações sobre homens e coisas, pela primeira vez pus em circulação a periferia dos meus pensamentos” (NIETZSCHE *apud* MACHADO, p. 48).

Burckhardt, colega de Nietzsche durante o período em que lecionava na Universidade da Basileia, foi fundamental para uma nova concepção da relação entre história e filosofia. Nesta perspectiva, Machado defende a tese de que “se em Burckhardt a noção de cultura concebida a partir da transitoriedade foi inovadora na composição de um novo modo de entender e de fazer história, em Nietzsche a função da história exerceu semelhante papel inovador quando se levou em consideração a tarefa de fazer filosofia”.¹⁵

A tarefa de Machado parece aproximar-se, na pesquisa brasileira, daquela realizada por Giuliano Campioni em seu livro *Les lectures françaises de Nietzsche* (2001), pois a fim de traçar o percurso da noção de psicologia em Nietzsche, traz ao leitor um rico mapa que permite ter conhecimento não apenas dos mais importantes autores que contribuíram para tal debate na filosofia nietzscheana, mas também – e talvez nisto resida o maior diferencial do livro – de *como* Nietzsche leu cada um destes autores e de que modo constituíram o conjunto dos aforismos de *Humano*. Mas dentre todos os autores que contribuíram para a “virada antimetafísica” de Nietzsche, fornecendo a ele “um novo solo”,¹⁶ Paul Rée foi, como afirma Machado, a referência de maior peso, e será especificamente sobre a importância de Rée na filosofia de Nietzsche que o autor irá se debruçar no terceiro e último capítulo de seu livro.

Finalmente no capítulo III, intitulado “A Psicologia: ‘o caminho para os problemas fundamentais’”, Machado sustenta a tese de que em *Humano*, Nietzsche tenta mostrar *como* aquela “investigação acerca da origem” realizada na história da filosofia ocidental, não deve ser respondida a partir de preceitos metafísicos, mas sim, que esta “exige tanto a análise histórica, quanto a ‘observação psicológica’”,¹⁷ e que Paul Rée seria, neste sentido, quem oferece a Nietzsche as ferramentas necessárias para sua nova metodologia de análise: o trabalho de ‘colher sentenças’. Este, como afirma Machado, “revela um dos temas mais importantes da filosofia nietzscheana: a psicologização das questões filosóficas”.¹⁸

Antes de Nietzsche, contudo, Rée já havia realizado este trabalho nas suas *Observações psicológicas* (1875), mas enquanto Rée permanece ligado à psicologia de Schopenhauer, Nietzsche seguiria pelo caminho de La Rochefoucauld, mais especificamente, pelo seu conceito de “amor-próprio”. Segundo Machado, é através deste conceito que Nietzsche vislumbra unir filosofia e psicologia. Mas o “elo” que permite definitivamente unir ambas deve-se, novamente, a uma contribuição de Paul

¹⁵ MACHADO, *op.cit.*, p. 108.

¹⁶ *Idem*, p. 119.

¹⁷ *Idem*, p. 127.

¹⁸ *Idem*, p. 160.

Rée, qual seja, “a ênfase em colocar a filosofia a serviço de um exercício de superação”.¹⁹ De fato, pode-se dizer que Nietzsche manterá tal exercício, atrelado à “psicologização de questões filosóficas” até o último momento da produção de seu pensamento, pois em *O caso Wagner*, publicado juntamente com *Nietzsche contra Wagner* (1888), cujo subtítulo é “Dossiê de um Psicólogo”, o filósofo explicita: “Que exige um filósofo de si, em primeiro e em último lugar? Superar em si seu tempo”.²⁰

O livro de Machado se afirma, assim, como indispensável para todo aquele e aquela que deseja compreender o pensamento de Nietzsche de modo rigoroso, pois ele mostra como o filósofo constrói seu pensamento, mais precisamente, sua investigação ‘científico-filosófica’, tendo a psicologia como ‘núcleo fundamental subjetivo’, e assim conclui-se que compreender a noção de psicologia e, portanto, as relações com Paul Rée, é indispensável não apenas para uma compreensão cuidadosa de *Humano, demasiado Humano*, mas para toda a obra de Nietzsche a partir de então.

¹⁹ Ibidem.

²⁰ NIETZSCHE, F. *O caso Wagner/Nietzsche contra Wagner*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 1999, p. 9.